

## A Gestão do Medo através da Arte

Rocio Castro Kustner

### Resumo

O presente ensaio fotográfico apresenta uma reflexão sobre a gestão do medo a partir da reportagem fotográfica da exposição “Nossos medos” exibida em dezembro de 2017 no Centro de Cultura Mirante do Solar de Itaparica (Bahia). A exposição recolhe as pinturas de 16 crianças, resultado de um trabalho artístico-educativo coordenado por Fanny Glemarec, educadora da ONG alemã Ilha das Crianças, também de Itaparica. Inspirado na pintura do artista norueguês Edvard Munch ‘O Grito’, o trabalho convida-nos a fazer uma reflexão sobre a importância da gestão do medo como forte emoção que nos movimenta e/ou nos paralisa, nos determina e/ou nos indetermina e, de qualquer forma, sempre nos condiciona, para tomar consciência de até que ponto nos acostumamos a viver com medo.

### Palavras-chave

Gestão. Medo. Arte.

### Abstract

This photographic essay presents a reflection upon the management of fear based on the the exhibit “Our Fears”, which took place in December 2017 at the Mirante do Solar Cultural Center in Itaparica (Bahia). The exhibit presents the paintings of 16 children and it is the result of an artisticeducational work coordinated by Fanny Glemarec, educator of the German NGO Ilha das Crianças, also in Itaparica. Inspired by The Scream, the worldwide-known masterpiece by Norwegian painter Edvard Munch, the work invites us to reflect upon the importance of managing fear, since it is a strong emotion that moves or paralyzes us, that shapes us or not, always conditioning us. Such reflection is important to be aware of how much we are used to living in fear.

### Keywords

Management. Fear. Art

O medo é uma das emoções mais fortes dos seres humanos, pois, do mesmo modo que nos movimenta para a proteção, pode nos imobilizar. O medo deixa-nos sem reação, sem correr atrás de nossos sonhos. Atualmente, vivemos momentos de insegurança, com medo de perder nossos empregos e direitos arduamente conquistados, inclusive, para muitas famílias da periferia, também com medo de perder seus filhos. São medos da geração do futuro que merecem nossa preocupação e atenção. Nesse sentido, foi desenvolvido uma atividade artística sobre “meus medos” com crianças da Ilha das Crianças, uma ONG alemã sediada no município de Itaparica (Bahia). Nessa atividade, coordenada por Fanny Glemarec e inspirada no expressionismo da angústia humana retratado na obra prima do pintor norueguês Edvard Munch ‘O Grito’, as crianças se representaram do jeito que se viam ou que queriam ser vistas. O resultado da atividade foi compartilhado com familiares e toda comunidade numa exposição que ocorreu no Centro de Cultura Mirante do Solar de Itaparica. Este ensaio fotográfico acontece nesse contexto.

As criações artísticas são das crianças: Alessandro Conceição, Alex Costa, Alex Rosário, Beatriz Lorena dos Santos, Camila Rocha, Everton, João Paulo Leite, Kaiana Galvão, Cauã Oliveira, Kellen, Maria Rafaela Pedro, Mateus Nascimento, Nicole Nunes, Patrick Werneck, Rafaela Souza de Jesus, Ramon Conceição. A coordenação pedagógica é de Fanny Glemarec e a fotografia de Rocio Castro Kustner.

**Foto 1** - Criações artísticas das crianças



Fonte: acervo próprio.

Foto 2 e 3 - Apresentação dos trabalhos



Fonte: acervo próprio.

As crianças artistas pintaram rostos de meninos e meninas assustados pelos mais diversos motivos, demonstrando que o ser humano, na infância, pode ter medo de tudo: de tubarão, caveira, zumbi a bala perdida, assalto e morte. As pinturas foram uma forma de tomar consciência de seus próprios medos, os quais viraram arte.

**Foto 4** - Criação de Camila Rocha



Fonte: acervo do autor.

**Foto 5** - Criação de Alex Costa



Fonte: acervo do autor.

**Foto 6 - Criação de Alex Rosário**



Fonte: acervo do autor.

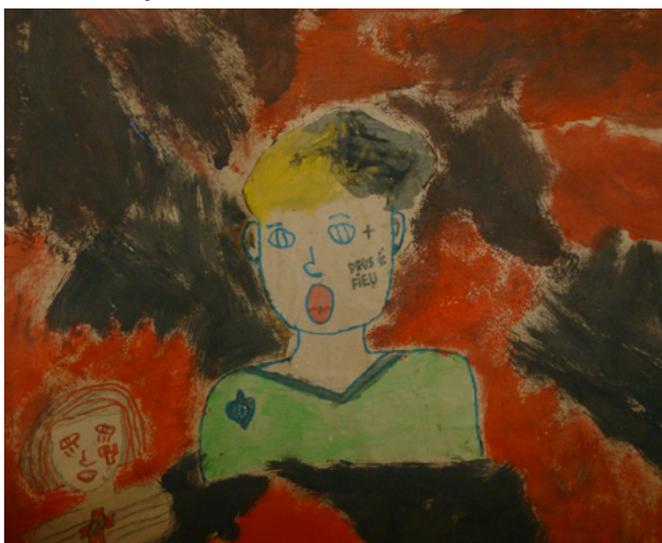
**Foto 7 - Criação de Kaiana Galvão**



Fonte: acervo do autor.

Na adolescência, o medo é gerado pela incerteza com relação ao próprio futuro. Quando sentem que este já está perdido, podem ter mais medo da vida do que da própria morte. É quando se tornam, aparentemente, insensíveis e uma ameaça. “Quando a criança e o adolescente se tornam uma ameaça, é sinal de que esta sociedade atravessa uma profunda decadência” (DA ROSA, 2005, p. 123). Então, para poder administrar nossos medos de forma positiva e construtiva, devemos nos perguntar: como são inculcados desde a infância e comandam nossos atos? Até onde somos conscientes disso? Precisamos desconstruir essa frente de batalha, ressaltada por Foucault (1992), na qual o outro se torna ameaça, porque é diferente e nos apavora. Com efeito, o refúgio na religião, em muitos casos, é procurado.

**Foto 8** - Criação de Patrick Werneck



Fonte: acervo do autor.

**Foto 9** - Criação de Kellen



Fonte: acervo do autor.

**Foto 10** - Criação de Mateus Nascimento



Fonte: acervo do autor.

Na realidade, nossos medos começam no lar, no seio da família patriarcal, onde é exercida grande parte da violência contra crianças e mulheres. Como sinaliza Mia Couto (2011), esta sempre foi praticada não por estranhos, mas por parentes e conhecidos.

**Foto 11** - Criação de Cauã Oliveira



Fonte: acervo do autor.

Foto 12 - Criação de Beatriz Lorena dos Santos



Fonte: acervo do autor.

Foto 13 - Criação de Nicole Nunes

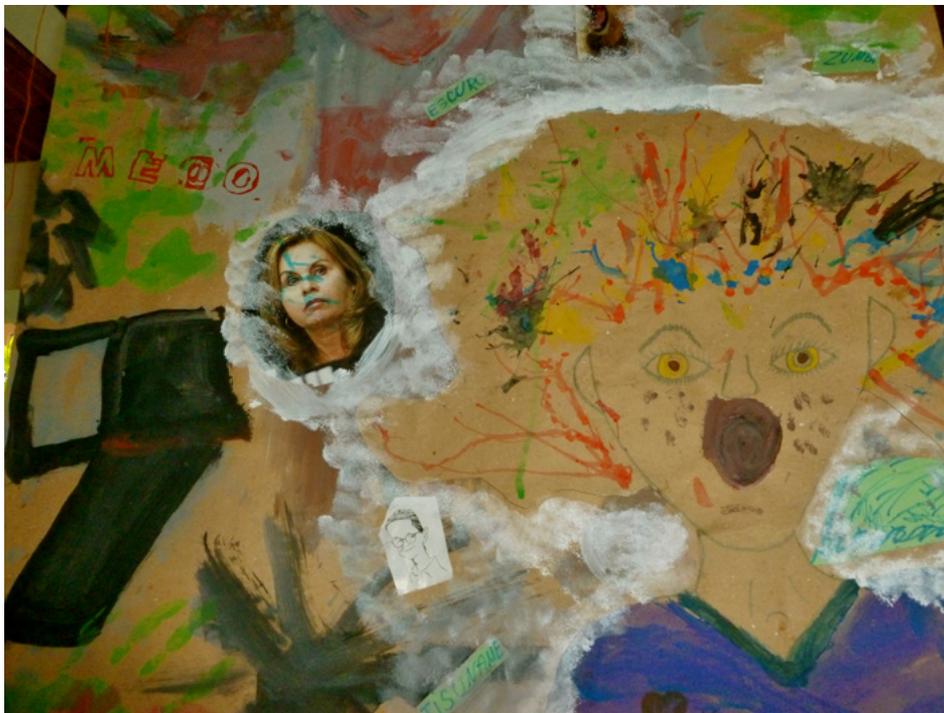


Fonte: acervo do autor.

**Foto 14** - Criação de Alessandro Conceição

Fonte: acervo do autor.

Entretanto, para o escritor moçambicano, a fome será, sem dúvida, a maior causa de insegurança dos nossos tempos. Sempre se quis justificar a fome politicamente pelas crises financeiras. Entretanto, Couto (2011) denuncia que, para superar a fome mundial, bastaria uma pequena fração do que se gasta em armamento. O impasse aparece: a indústria armamentista alimenta-se de sangue e precisa perpetuar o medo para alimentar a necessidade de armas. Apesar do avanço tecnológico, inclusive para sofisticadas técnicas de segurança, temos tanto medo hoje quanto na época dos dinossauros. Estes foram substituídos por fantasmas criados para nos apavorar e nos fazer acreditar que, para superarmos as ameaças domésticas, precisamos de mais polícia, mais prisões, mais segurança privada e menos privacidade; para enfrentar as ameaças globais, fazem-nos acreditar que precisamos de mais exércitos, mais serviços secretos e a suspensão temporária da nossa cidadania, alerta-nos Mia Couto (2011).

**Foto 15** - Criação de Ramon Conceição

Fonte: acervo do autor.

Fome, falta de segurança e de cidadania podem nos deixar com raiva, mas não nos indignam o suficiente para superarmos o medo. Este é maior que a indignação que nos motiva para a luta cotidiana, como afirma Fábio Chap (2018) no site “Quebrando o Tabu”, referindo-se ao assassinato de Marielle Franco. O grande pensador Jose Luis Sampedro (2012) diz-nos que o medo é maior que o altruísmo, o amor e a bondade, fazendo-nos aceitar a injustiça e a guerra sem prova de coerência, ética e legalidade – quadro dramático do Brasil atual, o qual vive uma guerra não declarada num Estado de exceção. Assim, paramos de fazer perguntas e de discutir sobre razões. Acostumamo-nos com a violência e a viver com medo.

**Foto 16** - Criação de João Paulo Leite



Fonte: acervo do autor.

**Foto 17** - Criação de Everton



Fonte: acervo do autor.

**Foto 18 -** Rafaella Souza de Jesus

Fonte: acervo do autor.

Como podemos combater o medo? O que nos resta como arma de resistência? O prêmio Nobel de literatura, José Saramago (2011) lembra-nos da única arma que nos resta: nossa consciência. É consciência do meu próprio direito, de que sou um ser humano e, como tal, quero ser tratado e respeitado; por isso, existe a declaração dos Direitos Humanos. É uma consciência que se ganha, se perde e se renova, cotidianamente (SARAMAGO, 2011), no mundo dos sonhos.

Os resultados de outro mundo possível são a longo prazo. Um outro mundo possível será construído pelas novas gerações sem medo, porque será através da ciência com consciência; consciência de que, como seres humanos, necessitamos do outro, o qual é diferente, mas, também, ser humano. Só assim, poderemos viver em coletividade e na diversidade.

## REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Murar o Medo**. Conferência do Estoril, 2011. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/mia-couto-ha-quem-tenha-medo-que-o-medo-acabe>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

DA ROSA, N. C. dal F. O Emudecimento da Violência: Considerações acerca dos Modos de Subjetivação da Adolescência na Contemporaneidade. In: HARTMANN, F.; DA ROSA,

N. C. dal F. (Org.). **Violências e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

FOUCAULT, M. **Genealogía del Racismo**. Madrid: Las Ediciones Piqueta, 1992.

SAMPEDRO, J. L. **El poder del miedo**. 2012. Disponível em: <[https://youtu.be/PDZzwb0ag\\_Y](https://youtu.be/PDZzwb0ag_Y)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SARAMAGO, J. **La alternativa al neoliberalismo se llama consciência**. 2011. Disponível em: <[https://youtu.be/AvBypYy\\_EHA](https://youtu.be/AvBypYy_EHA)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SARTRE, J. P. **Retrato del Colonizado**. Buenos Aires: Losada, 1975.

**Rocio Castro  
Kustner**

Socióloga doutorada em Antropologia Social da América Latina pela Universidade Complutense de Madrid. Professora adjunta no curso de Geografia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia, trabalhando com temas sobre Gênero, Cultura e Participação Cidadã para o Desenvolvimento Local, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável.